

03 FEV 1984

Amc. X

auc

**O**s votos na Constituinte confirmam que a maioria parlamentar do PMDB está solidária com o Centrão. Indagam, então alguns, por que os seus integrantes não assumem, de pronto, todas as posições partidárias e os postos de direção e de liderança controlados pelos históricos?

É que essas decisões dependem não simplesmente do diretório ou das bancadas, mas basicamente da Convenção Nacional, na qual as bases se manifestam de forma mais direta e desinibida.

A ausência de renovação dos diretórios municipais, estaduais e do próprio diretório nacional do PMDB, em razão das prerrogativas continuadas de mandatos diretoriais, é, em grande parte, responsável pelas convulsões internas que agora retomam os pontos divergentes ideológicos que marcaram época com os autênticos e os moderados.

De outra parte, a circunstância de 130 constituintes do atual PMDB terem sua origem em outros partidos responsáveis pela sustentação do regime militar levou o grupo dos históricos a preparar uma estratégia que após o confronto vai comprometé-los com uma nova legenda, é, aí, o reconhecimento de inferioridade numérica não apenas na Constituinte mas na própria Convenção trabalhada diretamente pela maioria dos governadores amarrados aos planos pessoais e políticos do presidente Sarney.

O apelo à unidade partidária tem dado, muitas vezes, resultado positivo, porém, agora, a disputa se torna mais profunda, pois o presidente Sarney fez uma opção indistigável pelo grupo que lhe vem dando absoluta cobertura em todas as propostas que formula e, particularmente, quanto ao mandato e ao sistema de governo.

Mas as divergências internas partidárias se acentuam, forçando o rumo diversificado das correntes.

O senador Fernando Henrique diz que "o Centrão é a cara exata do antigo regime", enquanto o deputado Cardoso Alves mostra que entre os históricos estão, inclusive, cassadores de mandatos, citando como exemplo o senador Severo Gomes. E o mais jovem consti-

# Freitas Nobre



## Centrão, o partido do presidente Sarney.

tuinte, Cassio Cunha Lima (PMDB-PB), quer que o Centrão passe a denominar-se "direitão".

Expedito Machado, constituinte do PMDB do Ceará, insiste na adoção de dispositivo que discipline os blocos partidários, certo de que o primeiro passo para o novo partido será o reconhecimento desses blocos que agem acima das siglas partidárias, consultando e sendo consultados, como se as legendas já estivessem dissolvidas.

Franco Montoro, postulando a candidatura à presidência pelo PMDB, esforça-se para manter a unidade que ele julga indispensável numa eleição geral e, assim, já conseguiu como primeira fase adiar o rompimento que estava articulado até com a denominação para o novo partido.

Tudo indica, porém, que, antes dos históricos, quem vai organizar um novo partido é o Centrão. E os que assim argumentam dizem que para atrair parlamentares do PFL, PDS, PTB, PDT, PDC é necessária uma legenda nova, dadas as implicações estaduais e municipais que ao longo dos anos foram sendo sedimentadas pelo bipartidarismo, do qual emergiu o MDB, recomposto com o acréscimo de uma letra ("P") à sigla que estava em ascensão.

O senador José Lins, que foi o coordenador das emendas do Centrão, confirmou que a organização de um novo partido foi assunto debatido nas reuniões do grupo, embora ainda como uma idéia em gestação.

A própria reformulação partidária para

manter a unidade é rechaçada por Cardoso Alves quando afirma que é falta de imaginação "recriar o PMDB".

E os constituintes que acompanham essa disputa interna chegam a manifestar-se até oficialmente, como o fizeram os parlamentares do PC do B, quando em seu boletim semanal afirmaram que "o Centrão incorporou Ulysses". E aproveitaram para dizer que a Mesa só vem marcando sessões da Constituinte nas quartas-feiras, "facilitando os turistas", e que a ampliação do prazo para recebimento das últimas emendas de plenário das 19 para as 24 horas visou a permitir que aquele grupo alcançasse o número suficiente de adesões para algumas de suas emendas.

Nos Estados os dois grupos se mobilizam, sendo hoje a luta mais acirrada em Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Em Minas, o deputado Pimenta da Veiga somente conseguiu reunir 6 dos 23 vereadores peemedebistas da Câmara Municipal de Belo Horizonte em razão do cerco do governador e do prefeito.

O líder do PFL, José Lourenço, anda com os números na mão: dos 300 constituintes do PMDB, 169 assinaram a emenda dos 5 anos para Sarney. Por isso, ele coloca o Centrão acima dos partidos, ao dizer que o PMDB é parte dele.

Mas, se o deputado Cardoso Alves aponta nomes distantes da pregação dos históricos entre seus expoentes, o deputado José Costa não deixa por menos, chamando o parlamentar paulista de "versão jeca do senador Roberto Campos" e com isso desagradando a ambos.

Parece que a crescente impopularidade do governo, comprometido com o PMDB e quase todos os governadores, o presidente da República a ele filiado e ainda um número expressivo de ministros, transfere-se para a legenda como ocorreu com a Arena e o PDS, na fase de maior desgaste dos governos militares.

O Centrão é hoje mais que um grupo. É um partido, o partido de Sarney, e só quem quer ignorar essa realidade é capaz de não enxergá-la.